

NARRADOR HOMODIEGÉTICO: O PROTAGONISMO DE FLEMING EM UMA AVENTURA NO BRASIL

HOMODIEGETIC NARRATOR: THE PROTAGONISM OF FLEMING IN AN ADVENTURE IN BRAZIL

Ítalo Lima de Moura **1**

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma breve análise do narrador homodiegético ou o "Narrador – Protagonista", de acordo com as prerrogativas de Yves Reuter (2002) e Lígia Chiappini (S/D). Essa categorização do narrador já apresentada no título, tem em voga, o papel de destaque do narrador ao longo da obra, sendo ele narrador e, ao mesmo tempo, personagem principal. A narrativa está pautada em primeira pessoa e pode ser considerada o diário de uma viagem ao Brasil Central. Desta forma, o percurso narratológico utilizado pelo narrador dá visibilidade a esses recursos estéticos e estilísticos ao longo da narrativa. O método empregado é o analítico crítico quando do confronto da obra com as abordagens teóricas de Reuter e Chiappini. A partir do olhar do viajante europeu teremos uma ideia mais concisa da Amazônia enquanto um espaço de discussão, de assimilação, de estudo e de contemplação, sobretudo, na sua representação em um contexto rural.

Palavras-chave: Narrador Homodiegético. Protagonismo. Viajante Europeu. Amazônia.

Abstract: The present work aims to present a brief analysis of the homodiegetic narrator or according to the prerogatives of Yves Reuter (2002) and Lígia Chiappini (S/D). This categorization of the narrator already presented in the title, has in vogue, the prominent role of the narrator throughout the work, being the narrator and, at the same time, the main character. The narrative is based on first person and can be considered the diary of a trip to Central Brazil. In this way, the narrative path used by the narrator gives visibility to these aesthetic and stylistic resources throughout the narrative. The method employed is the critical analytical when confronting the work with the theoretical approaches of Reuter and Chiappini. From the perspective of the European traveler, we will have a more concise idea of the Amazon as a space for discussion, assimilation, study and contemplation, above all, in its representation in a rural context.

Keywords: Homodiegetic Narrator. Protagonism. European Traveler. Amazon.

Introdução

É interessante notar que os estudos da narrativa têm como ponto principal compreender a obra como um todo, pois permite uma análise da estrutura/tessitura narrativa. Os elementos estruturais da narrativa: tempo, espaço, narrador e personagens estão de tão forma interligados que é praticamente impossível isolar um do outro, ainda que, o estudo de cada componente da narrativa possa ser feito de maneira particular, sempre nos depararemos com a sua interligação e com o seu elo, um remete ao outro, a isso podemos atribuir o nome de tessitura narrativa, pois os elementos estão de tão forma unidos que dão sustentabilidade a narrativa analisada. Quando um desses elementos falha, a tessitura narrativa fica comprometida.

Uma Aventura no Brasil de Peter Fleming é uma narrativa de viagem que descreve os aspectos físicos e geográficos da região do Xingu, compreendida pelos rios Araguaia e Tapajós no Estado do Mato Grosso. É um livro que como sugere o título descreve os aspectos marcantes dessa aventura no meio da selva, por isso, tempo, espaço, narrador e personagens descrevem características particulares e importantes dessa região revelando-se nos componentes que constituem a obra, o foco narrativo compreendido por uma abordagem homodiegética será nosso ponto de discussão nesse trabalho.

A apreensão da categoria narrativa tem por intuito analisar e descrever alguns aspectos característicos dessa obra, que é narrada por um personagem e ao mesmo tempo autor, o “eu” como testemunha. Narrada em primeira pessoa esta obra traz em seu contexto os elementos constituintes de um espaço rural amazônico, da região do Araguaia no Mato Grosso, através de Fleming podemos perceber as particularidades da região, do espaço geográfico, das personagens, da geografia das cidades e dos lugares visitados, enfim, através do olhar do viajante europeu podemos perceber aspectos peculiares e particulares da região estudada. *Uma Aventura no Brasil* nos fornecerá elementos importantes para uma composição do olhar do viajante frente a imensidão da Amazônia brasileira e do imaginário que é suscitada por essa empreitada.

Até que ponto esse olhar nos é fidedigno? Esse olhar leva em conta a alteridade e a importância geográfica da região? A narrativa está pautada por exageros ou não? São alguns pontos a serem analisados e discutidos no decorrer desse trabalho.

A narrativa homodiegética de Fleming

Antes de qualquer coisa, precisamos salientar que a narrativa de Fleming é uma retomada de sua empreitada ao Brasil, é uma narrativa que descreve os caminhos e percalços de sua expedição, mas, sobretudo, está pautada por uma retomada dos acontecimentos narrados no presente, de uma maneira homodiegética, contudo, o narrador se utiliza de flashes e retomadas de acontecimentos passados, ele descreve o que ocorreu, tal qual uma autobiografia. Mas, ao ser narrada no presente e evocando os acontecimentos no momento em que eles surgem, a narrativa está ancorada naquilo que Yves Reuter (2002) denomina de “narrador homodiegético” e as perspectivas podem ser perpassadas pelo narrador ou pelas personagens.

Tudo começou com um anúncio na “Agony Column” do The Times. Eu sempre leio primeiro a “Agony Column”, e, só depois (se houver tempo) as notícias. Esta é uma prática que a maioria das pessoas vai deplorar, dizendo que demonstra, não só o desprezo por um grande jornal, mas também uma imprudente falta de curiosidade a respeito dos, assim chamados, Acontecimentos Mundiais (FLEMING, 1996: p. 10).

No excerto acima, podemos perceber que o narrador começa narrando os acontecimentos de uma maneira geral, de forma abstrata, ao passo que em seguida menciona: “Eu sempre leio” – ou seja, inicia a narrativa em primeira pessoa – todas as inferências que vem após essa constatação, também são feitas de maneira abstrata, como que querendo adivinhar

ou até mesmo supor, o que as pessoas poderiam pensar a respeito de seu gesto corriqueiro, de sempre ler os anúncios dos jornais para depois seguir para as principais notícias, como ele não pode saber o que se passa na cabeça das personagens, pode apenas levantar conjecturas, e isso é uma característica das narrativas homodiegéticas, pois se baseia no olhar de quem narra e como narra.

Reuter (2002, p. 81-82) estabelece que nesse tipo de narrativa “o narrador conta sua própria vida retrospectivamente [...] e não hesita em intervir em sua narrativa para explicar ou comentar sua vida e a maneira como ele a conta”. Assim sendo, quando Fleming descreve à sua maneira de ler o *The Times*, ele o faz de maneira autobiográfica, inserindo as possíveis interpretações daqueles que se deparam com seu modo de leitura.

Evelina Hoisel (2019, p. 10) descreve que “o poeta moderno é aquele que, no processo de desconstrução e reconstrução imprime marcas de sua consciência crítica no próprio espaço literário e é capaz de fertilizar também uma consciência crítica no leitor”, sendo assim, poderíamos dizer que o texto literário traz em si aspectos da própria consciência do autor, da sua crítica a determinados aspectos sociais intrínsecos na narrativa, portanto, ao descrever seu modo de leitura de um jornal de grande prestígio e de mostrar um aparente “desprezo” pelo mesmo. Ao focar no anúncio da *Agony Column*, do que em seus furos de reportagens, Fleming está fazendo aquilo a que Hoisel atribui de “marcas de sua consciência crítica” e o leitor fica fertilizado e familiarizado com ela. Essas características ficam ainda mais evidentes ao se fazer a leitura do excerto abaixo:

Este é meu tipo preferido de anúncio. Tinha a dose certa do improvável. Quando contemplei, com toda imparcialidade possível, um mapa da América do Sul, pensei ouvir a voz do Barão de Munchausen, o tinir de barras de ouro. Tive uma visão incrivelmente clara (não sei por quê) de dois homens de rostos vermelhos decidindo, no bar do Real Automóvel Clube, que eles queriam mesmo era um par de trouxas para levantar uma grana. Assim, a sabedoria prevaleceu; e por dez dias, embora eu pensasse bastante sobre o interior do Brasil, nada fiz para aumentar minhas chances de explorá-lo (FLEMING, 1996, p. 11).

Podemos ver claramente que o narrador descreve o porquê de sua preferência por esses tipos de anúncios e da gama de imagens que perpassa a sua memória quando este empreende tal leitura – o narrador aí inserindo a sua forma de ver e de pensar, o imaginário suscitado pelo narrador tem a ver com todo esse cenário amazônico em que está ancorada a sua aventura, as figuras e imagens que depreendem da excitação provocada por tal empreitada é marcante ao longo de toda a narrativa, ao passo que seu ascetismo tem a ver com a consciência dos perigos que rondam este tipo de aventura e da não confiança que nos arremata quando nos deparamos com algo novo e desconhecido.

A própria ideia de exploração do interior brasileiro (Amazônia) tem em cheque que esse espaço se converte em um lugar inóspito, pouco visitado, inabitado e/ou até mesmo, de regiões desconhecidas e pouco estudadas. Para os viajantes europeus, a Amazônia é um amontoado de plantas, bichos e águas. Durante as grandes navegações foram duramente exploradas, a fim de que, se encontrassem pedras e metais preciosos a serem remetidas à Coroa. A ideia de exploração de seus recursos naturais sempre esteve em primeiro plano na memória dos que para cá vieram, e não seria diferente que nos deparássemos com as mesmas impressões no século XX, quando do empreendimento de Fawcett em busca da Cidade Perdida dos Bandeirantes, na região do Xingu. E da posterior empreitada da expedição de Fleming (liderada por Major Pingle) na região do Brasil Central, ambos, durante e depois, vieram com o mesmo intuito e pensamento, explorar a Amazônia e seus recursos naturais.

Também, podemos perceber que o narrador “conta a sua própria vida retrospectivamente” (REUTER, 2002, p. 81), e descreve as imagens que vem a sua cabeça quando se depara

com o anúncio lido no jornal, ao saber da existência de uma expedição a fim de encontrar os vestígios de Fawcett (desaparecido alguns anos antes) e a emoção que essa aventura lhe traz é descrita de maneira detalhada na forma como são concebidas as personagens do bar, e, a forma como são descritos os sentimentos despertados na leitura do mapa do interior do Brasil que lhe suscita o imaginário. Todas essas figuras estão ligadas ao aspecto homodiegético empreendido pelo narrador, fruto da concepção desse tipo de narrativa, que está ancorada no relato das experiências vividas e empreendidas pela pessoa que narra.

O narrador protagonista

No segundo capítulo da obra, o narrador flexiona, temos uma mudança de grau, sai da primeira pessoa do singular, o “eu” e salta para o “nós”, a primeira pessoa do plural. Isso tem a ver, na medida em que – as personagens vão sendo inseridas na narrativa. Ao se tratar de uma narrativa pautada pela figura do narrador – protagonista, os acontecimentos são evocados a partir de sua visão no momento em que estão acontecendo e sendo evocados, não nos possibilitando o acesso à consciência e aos pensamentos das personagens, sendo assim, não podemos ter clareza daquilo que se passava pela cabeça de Roger no momento em que esse fazia parte da expedição, apenas levantamos hipóteses e conjecturas, ao passo que as características que temos acerca dessa personagem mesmo são aquelas fornecidas por Fleming. Conforme o excerto a seguir:

Roger e eu demos um precário propósito às nossas vidas, tratando conscienciosamente com o teodolito. Fazíamos leituras nos mastros, em ambos os mastros. Em nosso esforço para manter a forma – quão fora de hora, quão prematuro era esse esforço, felizmente, não fazíamos ideia – pedalávamos vários quilômetros como se fôssemos passageiros com destino sensato, acessível, e sem nenhum revólver na bagagem. Tomávamos banho de sol. Mergulhávamos, um tanto ostentadamente, atrás de fichas na piscina. Decidíamos participar dos esportes de convés mais viris, mas desistíamos e éramos sempre cobrados por nossa inscrição. Carregávamos para cima e para baixo livros grandes, bons e importantes: livros que nunca tivemos a chance de ler antes, livros que ainda pretendemos ler um dia. Ficamos peritos em fugir do Chato do Navio, cujo *blazer* colegial – como o pavão que alerta a selva da chegada de um tigre – vistosamente o traía. [...] Ouvíamos com atenção as soluções do General para os problemas mundiais, nas quais expressões como “abrir caminho” (usada para regiões especificadas do Império Britânico) e “passar por cima” (a odiosa alternativa para a expressão “dar-se bem no empreendimento de abrir caminhos”) apareciam em abundância. Divertíamos-nos com a encantadora família de exilados políticos do Brasil. Adiávamos nossas correspondências. Comíamos. Dormíamos. Ficávamos entendidos (FLEMING, 1996, p. 39).

Apesar da flexão de grau na narrativa, a perspectiva continua perpassando a ótica de uma única personagem, o narrador – protagonista, continua sendo Fleming, que não narra da periferia dos acontecimentos, mas sim, de dentro destes. Na narrativa de Fleming podemos perceber que as dúvidas quanto ao sucesso da expedição eram sempre despertadas, essa é uma constante ao longo da obra, ao passo que narra os fatos, lembrados ou não, o narrador também passa a duvidar de suas próprias circunstâncias, de sua sorte e da total ineficácia daquele empreendimento, uma vez que, desacreditava na existência de qualquer vestígio de Fawcett.

Chiappini (s/d., p. 43), descreve que o narrador – protagonista é personagem central, sendo assim, ele não tem acesso ao estado mental das demais personagens. “Narra de um

centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos”. É o que podemos perceber no excerto acima, pois o narrador descreve aspectos de suas emoções compartilhadas com Roger, e faz alusão as ações dos dois como que quase sendo únicas e exclusivas, não nos possibilitando apreender se de fato, ambos tinham os mesmos sentimentos e visões acerca daqueles jogos de bordo, assim, a única percepção dos fatos que temos é a do narrador que faz inferências as demais personagens.

Ao passo que o excerto anterior também evoca a narrativa homodiegética na perspectiva passando pela personagem, ou seja, o narrador protagonista “conta *o que acontece no momento em que acontece* (e não de maneira retrospectiva)” (CHIAPPINI, s/d., p. 83 [grifos da autora]). Quando o narrador descreve suas atividades de convés no momento em que esta acontece, pois é fruto de anotações e de suas impressões acerca da viagem, está fazendo o que Chiappini descreve como a perspectiva perpassando a personagem, ou seja, narra os acontecimentos no momento em que estes acontecem.

Ao retomar a vida a bordo do navio, temos a sensação/impressão “de se estar ‘na pele’ da personagem, bem perto de suas sensações e de seus pensamentos, à medida que eles vão se formando. Em troca, isso restringe potencialmente tudo aquilo que instaura uma distância: retornos reflexivos, intervenções do narrador” (CHIAPPINI, s/d., p. 84).

Através da construção narrativa de Fleming conseguimos nos aproximar cada vez mais de suas sensações e pensamentos, à medida que os acontecimentos vão sendo evocados temos a pretensão de está vivendo aqueles momentos, pois as imagens descrita na narrativa vão sendo construídas em nossa cabeça, isso faz parte de todo um jogo de construção imagética e impressionista, tão peculiares e comuns nas narrativas de viagem.

Passamos três semanas no Araguaia entre Leopoldina e a boca do Tapirapé. Para mim, inevitavelmente, foi um período em que houve uma decadência nos valores; o clímax veio no momento errado. Começamos com a descoberta, passamos para a aceitação, e terminamos com críticas. Mas era uma vida agradável e ameno, teríamos aproveitado tudo sem reservas. A incerteza era novamente o nosso problema. Tornou-se cada vez mais difícil prever o que aconteceria quando chegássemos a Tapirapé – que margem de segurança tínhamos para evitar um fiasco, se é que conseguiríamos evitá-lo. Havia ainda muita especulação no ar – muitas perguntas sobre assuntos que somente o Major Pingle podia responder, e que ainda não conseguíamos perguntar. Talvez, no final das contas, aquelas três semanas não tenham sido tão fáceis ou agradáveis (FLEMING, 1996, p. 94).

Nesse excerto, o narrador descreve aspectos da região do Araguaia, o espaço geográfico em que se concentraria a expedição de busca do Major Pingle e a sua tripulação, estamos diante de uma descrição do ambiente rural e da sua categorização, mas o que nos chama a atenção além disso, é aquilo que mencionei anteriormente, a dúvida e a incerteza que paira em Fleming quanto ao sucesso daquela investida, e que embora achasse aquela vida agradável e amena, não conseguia evitar o anticlímax.

No presente excerto temos novamente o apelo sentimental que tal descrição nos suscita ao passo que sentimos a aflição do narrador ao se deparar com as incertezas e com suas provisões se diluindo. Ao falar pelo nós, o narrador – protagonista tem o papel de “interditar as incursões no espírito das outras personagens, além das antecipações corretas” (CHIAPPINI, s/d., p. 84).

Ao narrar os acontecimentos através de suas acepções acerca dos acontecimentos, o narrador tem a função de falar ou conjecturar aquilo que se passa em cada personagem, como só temos a construção narrativa através de sua ótica, podemos apenas inferir o que se passa na cabeça das demais personagens, permeamos o campo subjetivo e imaginário, não podendo, portanto, nos aprofundar em cada detalhe que constrói o perfil da personagem, essa nos é apresentada de maneira parcial, subjetiva, através de uma visão una e linear.

Até agora venho procurando descrever o Araguaia subjetivamente: tenho tentado mostrar como era a vida ali do nosso ponto de vista, o ponto de vista dos intrusos. Mas este não é o local (receio que você esteja reclamando) para o método subjetivo: não se vai até uma parte desconhecida do mundo para dizer como ela é do seu ponto de vista. Dê-nos alguns fatos, um pouco de observação precisa.

Bem que eu gostaria. Este livro só contém verdades, e nada de fatos. Provavelmente é o livro de viagem mais verdadeiro já escrito; e certamente é o menos instrutivo. Existem várias razões para isso, que aparecerão muito claramente quando passarmos dos intrusos para os nativos (FLEMING, 1996, p. 106).

Nesse excerto, podemos perceber que o narrador – protagonista tem a clara ideia de sua força subjetiva, ao passo que narra os acontecimentos de maneira intempestiva, do seu ponto de vista, a narrativa ao se deparar com a Amazônia, com os seus cursos quase que intransponíveis suscita o imaginário e a contemplação dos viajantes que se auto intitulam de intrusos, ao passo que vão se familiarizando com o lugar e se sentindo cada vez mais “nativos”. A escolha desse excerto, tem a ver com a descrição que nos faz Evelina Hoisel (2019, p. 10), ao dizer que “o poeta moderno é aquele que, no processo de desconstrução e reconstrução, imprime marcas de sua consciência crítica no próprio espaço literário e é capaz de fertilizar também uma consciência crítica no leitor”.

Ora, quando o narrador discute seus próprios percalços dentro do texto, criticando a sua própria maneira de narrar e descrever os acontecimentos está justamente inserindo uma reflexão crítica acerca dos caminhos percorridos por ele e ao passo que se sucede essa discussão está fazendo essa fertilização crítica em seu leitor, o próprio leitor ao se deparar com essas indagações e intrigas ao longo da narrativa, faz uma pausa para sua reflexão interna e se pergunta se tal qual está descrito na narrativa, aquilo de fato ocorreu. Antes de mais nada, é preciso estabelecer que a escrita de Fleming é uma escrita metafórica e irônica e, por isso, está cheia dessas tomadas de consciência um tanto quanto peculiares.

Hoisel (2019, p. 10-1) descreve ainda que “o poeta moderno não é apenas poeta. Ele é também teórico, crítico e historiador da literatura”, ou seja, todas essas características podemos ver de forma demarcada na tessitura narrativa de Fleming, pois ele é ao mesmo tempo escritor, mas sobretudo, crítico e historiador da sua própria narrativa.

Conforme descreve Hoisel em *Teoria, crítica e criação literária* – são os aspectos autobiográficos do sujeito parte desse processo de feitura da produção, seja ela qual for, pois este aspecto não é concentrado apenas no conteúdo, como também, nas referencialidades dos fatos, nas articulações linguísticas, nos ritmos e etc. É um sujeito reinventado pelo próprio texto literário que nos fazem repensar diversos aspectos de nossa cultura hoje. A narrativa de Fleming é um convite a retomada desses conceitos.

Há ainda uma outra característica na narrativa de Fleming, ao compor no plano abstrato e logo em seguida realizar a sua tradução, o autor faz aquilo que Todorov (2013, p. 177) chama de “organização da narrativa no nível da interpretação e não dos acontecimentos a interpretar”. A combinação desses acontecimentos por diversas vezes singulares e pouco coerentes estão situadas no nível das ideias e não dos acontecimentos. Por isso, a memória e o plano abstrato são uma constante na narrativa de Fleming, bem como, de outras narrativas de igual teor, pautadas no narrado homodiegético, como também, no protagonismo do narrador.

Sobre as personagens, o narrador nos dá alguns detalhes de como eram e quais eram as suas principais características, como, por exemplo, “o José Diaz, um homem de eficiência e que era motorista de carro em Goiás e um excelente cozinheiro e que após a lembrança de seu táxi abandonado, resolve deixar a expedição e seguir de volta para onde tinha vindo” (FLEMING, 1996, p. 121). Mas aquele que mais depreende a sua atenção e tem destaque na descrição de suas características e peculiaridades é Queiroz, enquanto as demais personagens têm suas

características apresentada de forma resumida/suprimida, Queiroz conta com uma descrição pormenorizada de seus traços biográficos, como podemos perceber no excerto,

Mas o membro mais útil daquele grupo heterogêneo era o Queiroz. Queiroz tinha vinte e dois anos. Era um homem muito pequeno, sem atrativos, praticamente sem pescoço e com um rosto sem igual a um ouriço malicioso. Tinha apenas um olho, mas sua tolerância era considerável, e foi o único brasileiro que conheci capaz de fazer alguma coisa com rapidez. No seu estado nativo, o Maranhão, era escrivão de algum escritório do governo e, na viagem que fez conosco, passou a maior parte de umas férias de seis meses. Tinha uma voz estridente e irritante, grande coragem, respeito pela precisão, e uma paixão quase teutônica por colecionar informação. Era o único entre os nossos homens que sabia ler, e costumava ler para os outros à noite ao redor da fogueira, com grande prazer, trechos de um velho jornal que tinha levado. Prestou-nos grandes serviços, e tem um papel importante nos capítulos que se seguem. Apesar de ter, no final, nos decepcionando em uma questão financeira, ainda tenho grande respeito por ele. Se eu achasse que há muito mais brasileiros como Queiroz, estaria inclinado a prever um futuro diferente para o país (FLEMING, 1996, p. 122).

O porquê do enfoque a este ou aquele personagem, é importante salientar que antes de qualquer coisa, a descrição das personagens pelo narrador vai de encontro ao

Lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar (exemplar também no sentido negativo), como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores (CÂNDIDO, 2011, p. 35).

Sendo assim, ao descrever as personagens em *Uma Aventura no Brasil*, o narrador esbarra na construção do espaço, do tempo e do enredo em que todos esses seres estão dispostos e integrados. Mesmo essas características sendo negativas, ajudam a situar o leitor na narrativa, no contexto em que a obra foi criada e a partir de que visões, os conceitos estão sendo trabalhados. Quando o narrador atribui uma figura grotesca ao Raimundo, um homem que na descrição dele é covarde e de calças imundas, ao passo que Queiroz se constitui no único personagem em que as características positivas eram vistas e apreciadas, conforme nos aponta *Candido* (2011), isso vem de encontro com a interligação desses seres em que estão integrados em um tecido de valor cognoscitivo e, onde muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por conflitos e enfrentam seus limites, nesses aspectos se revelam a essencialidade da vida humana.

“Aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos. Estes aspectos profundos, muitas vezes de ordem metafísica, incomunicáveis em toda a sua plenitude através do conceito, revelam-se, como num momento de iluminação, na plena concreção do ser humano individual” (CÂNDIDO, 2011, p. 35). Fazem parte da realidade experimentada por Fleming em sua expedição, mas ao serem transpostas para a obra literária eles estão ficcionalizados e adquirem caracteres particulares intrínsecos a narrativa abordada, além daqueles perceptíveis em nosso mundo, ao descrever de maneira demarcadamente romantizada, exagerada e artística, Fleming é dado a conceber personagens do mundo real de uma maneira, um tanto quanto, sublime.

Considerações Finais

Ao longo desse trabalho percebemos que *Uma Aventura no Brasil* está ancorada na perspectiva do narrador homodiegético – e, sobretudo no protagonismo desse, pois a sua obra é fruto de suas anotações enquanto componente de uma expedição de exploração na região do Araguaia no planalto central brasileiro.

Narrada tanto em primeira pessoa quanto em terceira pessoa, a obra nos enche de percalços e possibilidade que foram descartadas nesse trabalho, como o espaço, o tempo, o imaginário e outra abordagens que também são passíveis de serem analisadas posteriormente.

As narrativas de viagem por mais que estejam impregnadas de conceitos e visões de mundo um tanto quanto elitista e preconceituosa, daqueles que vieram para explorar a região e os seus recursos hídricos e minerais, de estigmas e preconceitos raciais para com as populações tradicionais, também, são passíveis de serem analisadas internamente por uma ótica estruturalista ao passo que estas visões preconceituosas não desaparecem na análise, mas caminham junto com o texto em uma abordagem interna.

Esperamos que os objetivos iniciais tenham sido alcançados, de analisar a obra pela perspectiva do narrador homodiegético e o seu protagonismo que descreve a Amazônia como um espaço rural, mas sobretudo, do imaginário, do inóspito, do inabitado e do inexplorado que rondam o olhar do viajante e lançam sobre a região o status de paraíso, de inferno, de vazio demográfico, e, sobretudo, parafraseando Fleming: “habitado por ferozes selvagens preconceituosos”. Ora, o olhar do viajante sempre se constituiu nesse ar de superioridade, a sua vinda ao Brasil sempre foi movida por interesses particulares, e, nada mais.

Referências

CÂNDIDO, A. (et al). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CHIAPPINI, L. M. L. **O foco narrativo (ou a polêmica em torno da ilusão)**. São Paulo Editora Ática, s/d.

FLEMING, P. **Uma aventura no Brasil**. Tradução Lilian DePaula e Magno Dadonas – São Paulo: Marco Zero, 1996.

HOISEL, E. **Teoria, crítica e criação literária: o escritor e seus múltiplos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

REUTER, Y. **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. Trad. Mário Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. - São Paulo: Perspectiva, 2013.

Recebido em 13 de março de 2020.

Aceito em 13 de julho de 2020.